

*Lisa*  
*Kleypas*  
PRAZER  
ARDENTE

Tradução de  
Cláudia Ramos e Helena Ramos

5 SENTIDOS

## Prólogo

– Tomei uma decisão quanto ao futuro da Daisy – declarou Thomas Bowman à esposa e à filha. – Ainda que aos Bowman não agrade admitir a derrota, a verdade é que não há como ignorar a realidade.

– E que realidade é essa, meu Pai? – indagou Daisy.

– Que não foste fadada para a aristocracia britânica. – Franzindo a testa, Bowman acrescentou: – Ou quiçá a aristocracia britânica não tenha sido fadada para ti. O que sei é que fui muito fracamente ressarcido do investimento que fiz no intuito de te arranjar um marido. Sabes o que isso significa, Daisy?

– Que só lhe dou prejuízos, meu Pai?

Olhando para ela, ninguém diria que Daisy Bowman era agora uma mulher adulta de vinte e dois anos. Pequena, delgada e de cabelo escuro, detinha ainda a agilidade e exuberância de uma criança, quando a maioria das senhoras da sua idade ostentava já a aura circunspecta típica das matronas. Ali sentada, as mãos abraçando os joelhos, parecia uma boneca de porcelana largada a um canto do canapé.

E nada irritava mais o seu pai do que vê-la com um livro no colo, com o dedo entalado numa página para a marcar. Era óbvio que estava ansiosa por que ele acabasse o seu discurso para poder retomar a leitura.

– Larga isso – ordenou-lhe.

– Sim, meu Pai – anuiu a jovem, abrindo discretamente o livro para memorizar o número da página, antes de o pisar a seu lado.

Aquele gesto serviu apenas para exasperar ainda mais o carrancudo Bowman. Livros, livros... a simples visão de um simbolizava para ele o vergonhoso fracasso da filha no *mercado do matrimónio*.

Puxando uma fumaça do seu enorme charuto, Bowman instalou-se num dos confortáveis cadeirões de braços da suite de hotel que a família ocupava há mais de dois anos. A esposa, Mercedes, encontrava-se discretamente recolhida a um canto, numa cadeira de palhinha, ouvindo o marido em silêncio. Bowman era um homem alto e corpulento, tão robusto na forma física quanto no temperamento. Ainda que completamente calvo, era dono de um altivo bigode, farfalhado mas elegante – como se toda a energia necessária para o crescimento do cabelo houvesse sido canalizada para o lábio superior.

No dia do seu casamento, Mercedes era já uma rapariga invulgarmente magra – e conseguira tornar-se ainda mais escanzelada ao longo dos anos, como um pedaço de sabonete que com o uso se reduz a uma fina lasca. O seu cabelo negro, muito liso e brilhante, surgia sempre severamente apanhado, as mangas dos vestidos eternamente cingidas a uns pulsos de tal modo finos que o marido poderia quebrá-los facilmente, quais asas de frango. Mesmo quando se apresentava sentada e absolutamente imóvel, como agora, Mercedes transmitia sempre uma certa energia nervosa.

Bowman jamais se arrependera de ter escolhido Mercedes para sua esposa – a acerada ambição dela combinava na perfeição com a sua. Era uma alma implacável e inflexível, toda arestas vivas, num eterno esforço de impor o nome de família na sociedade londrina. Fora ela, aliás, que insistira na mudança do casal e das duas filhas para Inglaterra, ao ver logrados os seus planos de conquistar um lugar ao sol no cenário da aristocracia nova-iorquina. «Havemos de nos impor, nem que seja à força!», dissera, determinada. E Deus era testemunha de que haviam conseguido singrar, pelo menos no que respeitava à filha mais velha.

Lillian tinha efetivamente conseguido fregar o maior peixe de todos: Lord Westcliff, cuja linhagem era oiro puro. Com efeito, o conde representara uma fabulosa aquisição para a família Bowman, mas agora o patriarca mostrava-se impaciente por regressar à

América. E se fosse para Daisy conseguir desenterrar um marido titular, já o teria conseguido por esta altura. Era hora de reduzir os prejuízos.

Pensando nos seus cinco filhos, Bowman perguntava-se como fora possível que todos tivessem herdado tão poucos dos seus genes. Ele e Mercedes eram ambos tenazes e determinados e, não obstante, haviam gerado três filhos varões plácidos e conformados, que aceitavam as coisas como elas lhes surgiam, convictos de que tudo acabaria por lhes cair no colo, como frutos largados de uma árvore. Lillian era a única que parecia ter herdado um pouco do espírito agressivo e combativo dos seus progenitores... mas era mulher e, logo, um total e completo *caso perdido*.

E depois havia Daisy. De todos os seus filhos, era aquela com que Bowman menos se identificava e a que ele menos compreendia. Já em criança, a pequena nunca retirava os ensinamentos certos das histórias que ele lhe contava, insistindo em fazer as perguntas mais estranhas e irrelevantes. Por exemplo, quando ele lhe explicara a razão pela qual os investidores interessados em riscos mínimos e retornos moderados deveriam aplicar os seus capitais em ações ou títulos da dívida pública, Daisy interrompera-o com a curiosa pergunta: «Oh, Papá... não seria maravilhoso se os beija-flores organizassem chás dançantes e nós fossemos suficientemente pequeninos para sermos convidados?»

A verdade é que ao longo dos anos, os contínuos esforços por parte de Bowman para mudar a filha mais nova haviam enfrentado uma forte resistência. A jovem gostava de si própria tal como era e, posto isto, qualquer tentativa de a subjugar tinha o mesmo resultado do que tentar caçar sem rede um enxame de borboletas esvoaçantes.

E uma vez que Bowman sempre se deixara exasperar pela natureza imprevisível da filha mais nova, não se mostrou minimamente surpreendido pela manifesta carência de homens decididos a desposá-la. Que género de mãe seria ela, fantasiando sobre fadas que escorregavam pelo arco-íris, ao invés de se esforçar por implantar regras e conselhos sensatos nas cabeças dos filhos?

Mercedes tomou finalmente parte na conversa, numa voz tolhida pela consternação:

– Meu queridíssimo esposo, a temporada está ainda longe do fim. Sou da opinião de que a Daisy demonstrou já excelentes progressos até agora. Lord Westcliff apresentou-a a uma série de cavalheiros extremamente promissores, todos eles *altamente* interessados em virem a ter o conde como cunhado.

– Pois para mim é *altamente* revelador – resmungou Bowman sombriamente – que o maior atrativo para esses *cavalheiros promissores* seja conquistarem Westcliff como cunhado, em vez da Daisy como esposa. – Olhou para a filha com expressão severa: – Algum desses jovens se mostrou minimamente interessado em namorar contigo?

– Ela não tem como saber... – contrapôs Mercedes, pesarosa.

– As mulheres sabem sempre essas coisas. Responde, Daisy: há alguma probabilidade, por remota que seja, de vires a fisgar algum deles?

A filha hesitou, assumindo uma expressão consternada nos olhos escuros e amendoados.

– Não, Papá – admitiu finalmente.

– Tal como eu pensava – declarou o patriarca, entrelaçando os dedos grossos sobre o ventre volumoso e presenteando mulher e filha com um olhar autoritário. – O teu visível insucesso tornou-se seriamente inconveniente, minha filha. Só a fortuna que já gastei em vestidos e adornos... Tamanhas frivolidades! Além do profundo tédio de ter de te acompanhar a um baile atrás do outro... de balde. Mas o mais importante é que tudo isto me tem prendido aqui, quando é cada vez mais imperiosa a minha presença em Nova Iorque. Assim sendo, decidi *eu próprio* escolher-te um marido.

Daisy olhou o pai, atordoada e apreensiva.

– E de quem se trata, Papá?

– Matthew Swift.

Ela olhou-o como se ele tivesse ensandecido.

Mercedes soltou um leve suspiro nervoso:

– Isso não faz o menor sentido, Mr. Bowman! Que vantagem poderemos tirar de uma tal união, tendo em conta que Mr. Swift não pertence à aristocracia e tão-pouco é detentor de fortuna significativa?

– Mas pertence aos Swift de Boston – contrapôs o marido. – Uma família à qual é impensável torcer o nariz. Swift tem um reputado nome, uma linhagem excelente e, mais importante, é-me extremamente leal e dedicado. Além de que tem uma das mentes mais versadas para o negócio que jamais encontrei. Quero-o como genro. E que venha a herdar a minha firma quando chegar a hora.

– O senhor tem *três* filhos a quem o legado da sua firma pertence por legítimo direito! – exclamou Mercedes, ultrajada.

– Todos eles absolutamente incapazes e desinteressados dos negócios da família! – contrapôs o marido.

Só de pensar em Matthew Swift, que na última década florescera debaixo da sua tutela, deixava Bowman inflado de orgulho. O rapaz representava um reflexo maior e melhor de si mesmo do que a própria prole.

– Nenhum deles tem a mais pálida *amostra* do vigor, ambição e impiedade de Matthew Swift! – prosseguiu Bowman. – Farei dele o progenitor dos meus futuros descendentes.

– O senhor perdeu o juízo! – gritou Mercedes, acaloradíssima.

Daisy interveio, finalmente, num tom calmo e assertivo que desde logo conseguiu deitar por terra a fervorosa bravata do pai:

– Devo recordar-lhe, meu Pai, que a *minha* cooperação é necessária nesta questão. Sobretudo agora que aborda o assunto da futura descendência. Pois posso afiançar-lhe de que nenhum poder na terra me poderá compelir a gerar filhos de um homem que nem sequer aprecio minimamente.

– E eu relembro-te da necessidade extrema de vires a ser útil à nossa família, para variar! – grunhiu Bowman. Já era seu hábito opor-se a qualquer forma de rebelião com extrema fúria. – E cuidei que preferisses ter um marido e um lar próprios, ao invés de prosseguires com a tua patética existência de *parasita*.

Daisy reagiu como se tivesse levado um bofetão.

– Eu não sou um parasita!

– Ah não?... Então podes explicar-me em que medida o mundo beneficiou da tua presença nele, até ao presente? Que fizeste tu de minimamente válido seja por quem for?

Vendo-se forçada a justificar algo de tão caricato como a sua

própria existência, Daisy limitou-se a olhar o pai gélida e silenciosamente.

– Ouve o meu ultimato, Daisy – disse Bowman friamente –, ou arranjas um marido *decente* até ao final de maio, ou desposarás Matthew Swift. A bem ou a mal.